



**“E CANTE UM SAMBA NA UNIVERSIDADE”:
Corporalidades marginais e práticas antirracistas na
pesquisa em dança**

**“E CANTE UM SAMBA NA UNIVERSIDADE”:
Corporalidades marginales y prácticas antirracistas en la
investigación en el campo de la danza**

**“E CANTE UM SAMBA NA UNIVERSIDADE”:
Marginal corporalities and anti-racist practices in dance
research**

Victor Hugo Neves de Oliveira¹

Resumo

Este artigo buscou refletir sobre o contexto das graduações em dança das universidades federais do nordeste brasileiro, por meio do levantamento e da identificação dos projetos de pesquisa realizados nessas instituições. Discutiu-se a importância da relação estabelecida entre luta antirracista e produção de conhecimento inovador no campo dos Estudos em Dança. Partiu-se do pressuposto de que embora os cursos superiores em dança no Brasil sejam ambientes estruturados por lógicas de pensamentos coloniais, é possível verificar inúmeras práticas de pesquisa, desenvolvidas no campo dos Estudos em Dança, que estruturam processos de resistência crítica ao racismo no âmbito das universidades. Metodologicamente, utilizou-se como base de dados os sites dos cursos de graduação em dança que compõem a investigação e os currículos profissionais disponíveis na Plataforma Lattes [CNPq]. Espera-se contribuir de maneira significativa na circulação de práticas de pesquisa não-hegemônicas e na consolidação de novos conhecimentos na área de Artes.

Palavras-chave: antirracismo, dança, pesquisa, resistência, universidade.

Resumen

Este artículo buscó reflexionar sobre el contexto de las graduaciones en danza en universidades federales del Nordeste de Brasil, a través del levantamiento e identificación de proyectos de investigación realizados por esas instituciones. Se debatió la importancia de la relación que se establece entre la lucha antirracista y la producción de conocimiento innovador en el campo de los Estudios de Danza. Se partió de la base de que, aunque los cursos superiores de danza en Brasil son ambientes estructurados por la lógica del pensamiento colonial, en las universidades se pueden

¹ Artista e Pesquisador das Artes da Cena. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro com estágio doutoral em Antropologia da Dança pela Université Paris Nanterre. Atua como Professor Permanente no Mestrado Profissional em Artes (PROF-Artes) – UFPB e como Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais – UFG.

encontrar numerosas prácticas de investigación, desarrolladas en el campo de los Estudios de Danza, que estructuran procesos de resistencia crítica al racismo. Metodológicamente, fueron utilizados como base de datos las páginas web de los cursos de pregrado de danza que forman parte de la investigación y los currículos profesionales disponibles en la Plataforma Lattes [CNPq]. Se espera una contribución significativa a la circulación de prácticas de investigación no hegemónicas y a la consolidación de nuevos conocimientos en el campo de las Artes.

Palabras clave: antirracismo, danza, investigación, resistencia, universidad.

Abstract

This article sought to reflect on the context of the graduations in dance of the federal universities in the Northeast of Brazil, through the survey and identification of the research projects carried out by these institutions. The importance of the relationship between the anti-racist struggle and the production of innovative knowledge in the field of dance studies was discussed. The assumption is made that although dance studies at university level in Brazil are structured by a colonial way of thinking, numerous research practices can be found in the field of dance studies that structure processes of critical resistance to racism within the framework of the universities. Methodologically, the sites of the undergraduate dance courses that comprise the research and the professional curricula available on the Lattes Platform [CNPq] were used as a data base. We hope to make a significant contribution to the circulation of non-hegemonic research practices and the consolidation of new knowledge in the field of the Arts.

Keywords: anti-racism, dance, research, resistance, university.

E deixa de ser rei só na folia
E faça da sua Maria, uma rainha todos os dias
E cante um samba na universidade
E verá que teu filho será príncipe de verdade
Aí então, jamais tu voltarás ao barracão, aí então
(Candeia, Dia de Graça)

Introdução

O campo dos Estudos em Dança² vem sendo desenvolvido nas universidades brasileiras a partir de práticas educacionais orientadas pelo princípio constitucional da indissociabilidade entre

² Designo os Estudos em Dança como uma subárea do campo das Artes que se dedica à realização da pesquisa em Dança. Assim, apesar da noção de interdisciplinaridade na área de Artes ser um posicionamento político importante e de inúmeras performances culturais afro-indígenas se constituírem de modo indisciplinar, reconheço a importância de debater a formação em dança a partir daquilo que se estabeleceu nas instituições de ensino superior como um projeto colonial-moderno: a dimensão disciplinar.

ensino, pesquisa e extensão. Conforme Oliveira et al. (2021), o ensino representa o compartilhamento dos saberes historicamente produzidos, a pesquisa expressa a produção de novos conhecimentos baseados em problemas emergentes na sociedade e a extensão manifesta o conjunto de processos educacionais, culturais, artísticos e científicos, que vinculam a universidade aos demais segmentos sociais.

É sabido que o funcionamento e a organização das universidades indicam modos de legitimar práticas culturais e validar projetos de sociedade. Por isso, percebo o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como um paradigma que, desde a elaboração da Constituição de 1988, busca instituir nas universidades um projeto social democrático e emancipatório. Verifico que as universidades se encontram, legalmente, comprometidas com a formação de cidadãos capacitados para transformar a sociedade por meio da autorreflexão crítica, da emancipação teórico-prática e do desenvolvimento de estratégias que combatam opressões e promovam justiça social.

Por outro lado, devido ao fato de as universidades brasileiras terem sido criadas através do modelo das instituições de ensino europeias, percebo que as políticas educacionais, desenvolvidas nos ambientes universitários, promovem, contraditoriamente, a manutenção de estruturas normativas e coloniais, que buscam fortalecer projetos de dominação étnico-racial (OLIVEIRA, 2022). Em função disso, pode-se depreender que as universidades brasileiras têm assegurado a preservação de mecanismos reguladores das assimetrias sociais e das desigualdades raciais, tanto por meio das práticas de ensino, quanto por meio das ações de pesquisa e extensão.

Certamente, o projeto educacional desenvolvido nas universidades encontra-se em crise. Essa crise se baseia no posicionamento histórico das universidades como território de exclusão, sobretudo, dos grupos étnico-raciais não hegemônicos. Entretanto, apesar desta constatação, observo que profissionais da educação têm criado, historicamente, estratégias de reformulação das instituições universitárias, consolidando debates sobre o racismo estruturado no ambiente acadêmico e valorizando saberes e presenças de ascendência africana e indígena.

Por isso, este artigo busca compartilhar reflexões sobre um dos eixos dos processos educacionais desenvolvidos nas universidades brasileiras: a pesquisa. Busco identificar os projetos de pesquisa, desenvolvidos no âmbito das graduações em dança, das universidades federais do nordeste brasileiro. Meu interesse é discutir a relação estabelecida entre luta antirracista, corporalidades racialmente marginais e produção de conhecimento inovador na área de Artes,

especificamente, no campo dos Estudos em Dança. Parto da seguinte questão “quais projetos de pesquisa focados em ações de enfrentamento ao racismo ou na valorização de corporalidades racialmente marginais foram desenvolvidos no quinquênio 2017-2021 e continuam em atividade no contexto das universidades federais do nordeste brasileiro?”.

Esse recorte espaço-temporal é importante para que consigamos vislumbrar como o contexto da pesquisa em dança tem buscado valorizar corporalidades marginais após o complexo processo político, jurídico e midiático que levou ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff e, conseqüentemente, à ascensão do conservadorismo reacionário de extrema direita no Brasil. A meu ver, os projetos de pesquisa criados nesse período, como estratégias de combate ao racismo, expressam ações urgentes a favor das vidas pretas e indígenas em um período de grave crise nacional. Por isso, especificamente nesse artigo, não me interessa discutir as modalidades de investigações produzidas no âmbito dos Estudos em Dança, identificar as tradições de pesquisa consolidadas na área ou os temas e recortes de pesquisa em Dança mais frequentes. Busco celebrar os encontros e as resistências identificadas como projetos de pesquisa.

Para tanto, à guisa de hipótese, suponho que embora as graduações em dança do nordeste brasileiro se estruturam por meio de projetos político-curriculares e processos de ensino-aprendizagem marcados por lógicas de pensamentos coloniais e baseados em epistemologias eurocêntricas ou norte-cêntricas, é possível identificar inúmeras práticas de pesquisa, desenvolvidas no campo dos Estudos em Dança, que estruturam processos de luta e de resistência crítica ao racismo no âmbito das universidades.

Pretendo, por isso, não apenas elaborar reflexões sobre a importância do debate étnico-racial na área de Artes, como também compartilhar alguns dos esforços e algumas das estratégias investigativas que as comunidades acadêmicas vêm estabelecendo para promover pesquisas voltadas à educação das relações raciais no contexto da formação em dança das universidades federais do Nordeste.

Como se sabe, a região nordeste do Brasil é composta por nove estados, a saber, Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Dentre estes estados, apenas no Maranhão e no Piauí inexistem cursos superiores de dança ofertados por universidades públicas federais. Por isso, metodologicamente, realizei a identificação dos docentes e das docentes efetivas nos cursos de graduação em dança das seguintes universidades: Universidade Federal de Alagoas [UFAL], Universidade Federal da Bahia [UFBA], Universidade

Federal do Ceará [UFC], Universidade Federal da Paraíba [UFPB], Universidade Federal de Pernambuco [UFPE], Universidade Federal do Rio Grande do Norte [UFRN], Universidade Federal de Sergipe [UFS] por meio dos sites dos cursos e, em alguns casos, dos departamentos onde os cursos superiores de dança se inserem nas respectivas instituições. Vale ressaltar que no caso da consulta realizada nos sites dos departamentos, o que se deu com a UFPB e com a UFRN, devido aos cursos de dança destas instituições não possuírem informações disponíveis em sites, adotou-se como procedimento o levantamento dos currículos de todo o corpo docente, observando-se, entretanto, o alcance dos projetos executados no campo dos Estudos em Dança.

Em seguida, consultei os dados relacionados aos projetos de pesquisa disponíveis nos currículos destes profissionais na Plataforma Lattes [CNPq]. Para este levantamento, realizado entre 08 de janeiro de 2022 e 10 de janeiro de 2022 e, posteriormente, revisado entre 21 de fevereiro de 2022 e 23 de fevereiro de 2022, considerei os projetos de pesquisa iniciados a partir de 2017 e não concluídos. Além disso, observei o ano de ingresso dos docentes no quadro de profissionais efetivos das referidas universidades, desconsiderando projetos anteriores a este período. Reconheço que devido ao fato de o levantamento dos projetos de pesquisa ter sido feito em uma plataforma que se atualiza constantemente, essa pesquisa não pode se pretender definitiva, mas tão somente expressar um mapeamento inicial e limitado das práticas investigativas vinculadas às ações antirracistas.

Ainda assim, acredito que a identificação de determinadas ações antirracistas, que vêm sendo desenvolvidas no contexto das graduações em dança, encontra-se relacionada ao fortalecimento de políticas educacionais que visam às reduções das desigualdades, criticam à hegemonia do conhecimento historicamente determinado e contribuem, de maneira significativa, na circulação de referências não-hegemônicas na área de Artes. Outrossim, percebo que identificar projetos de pesquisa de caráter antirracista nas graduações pode colaborar, indiretamente, na compreensão dos modos a partir dos quais a pesquisa em dança em nosso país vem sendo, historicamente, realizada e na apreensão de modos alternativos e combativos ao racismo e ao colonialismo nos Estudos em Dança.

Efeitos do colonialismo nos Estudos em Dança

A colonização moderna estabeleceu a linguagem discursiva escrita como modo exclusivo e privilegiado de postulação e expansão do conhecimento e, com isso, invisibilizou, preteriu e

desqualificou outros modos de fixação dos saberes (Martins, 2021). Consolidou-se, então, por meio da exploração colonial uma divisão radical no mundo que estabeleceu um padrão de monocultura global cujo caráter fundacional, denominado eurocentrismo, atribuiu às pessoas de qualquer outro grupo étnico uma condição de subalternidade, inferioridade e invisibilidade.

Por isso, as universidades brasileiras têm, historicamente, excluído saberes de ascendência africana e indígena do contexto da produção de conhecimento. Conforme Carvalho (2020), desde a fundação tardia das escolas superiores durante o século XIX e das primeiras universidades brasileiras, no início do século XX, tem se organizado um conjunto de hierarquias epistêmicas que determinam escolhas científicas, filosóficas e teóricas a partir de consensos hegemônicos e racistas estruturados pelo colonialismo moderno.

Neste contexto, pode-se depreender que se estabeleceu no sistema educacional brasileiro uma lógica de dominação cultural e epistêmica, a partir da qual as universidades brasileiras foram organizadas e gestadas, prioritariamente, para reproduzir práticas hegemônicas. As referências educacionais, vigentes em nossa sociedade, promovem a manutenção dos mecanismos culturais que asseguram a conservação da ordem social estabelecida e, curiosamente, muitas universidades revelam em seus projetos pedagógicos uma das maiores características do colonialismo: a presunção da razão indolente (Santos, 2006; Cesar & Soares Neto, 2019; Oliveira, 2021).

Em certa medida, o pensamento moderno ocidental converteu as tradições de conhecimentos não-hegemônicas em práticas incompreensíveis, populares, mágicas, rituais, idolátricas, buscando dissociá-las das ideias de ciência, de filosofia ou de arte o que provocou um desvio existencial ou a alienação das populações de ascendência africana e indígena em nosso país. Compreendo a alienação como uma ausência da consciência das realidades econômicas e sociais, historicamente forjadas para a dominação racial das pessoas pretas ou indígenas, ou seja, uma espécie de resignação passiva estimulada pelo desconhecimento dos fatores constitutivos do racismo (Fanon, 2008).

Por isso, uma grande parte das investigações sobre ações antirracistas encontra-se focada na crítica à produção do conhecimento hegemônico como referência universal e desracializada (Bernardino-Costa et. al, 2020; Fanon, 2008; Gomes, 2020; Grosfoguel, 2006; Hooks, 2019; Kilomba, 2019; Maldonado-Torres, 2020; Santos, 2010; Woodson, 2018). Afinal, o combate à colonização dos paradigmas dominantes expressa uma atitude que busca romper com o pretenso

universalismo dos conhecimentos eurocêntricos, se opor às razões intransigentes (Rufino, 2020) e criar alternativas para os seus efeitos sobre a vida.

Depreendo que o estabelecimento de um padrão mundial eurocêntrico estruturou a colonização dos imaginários organizando uma monocultura de ordem ontológica, epistemológica, estética e ética no panorama da vida social. Também verifico que os processos educacionais aplicados à formação em dança têm sido utilizados para estabelecer territorialidades de dominação étnico-cultural e epistêmica que conformam temas de pesquisa a partir de narrativas brancas e dominantes, intrinsecamente, relacionadas ao poder e à autoridade racial (Oliveira, 2022).

Parto da compreensão de que a consolidação do pensamento inovador e da pesquisa no campo dos Estudos em Dança não é baseada em conteúdos neutros e imparciais, sobretudo, quando reconheço que a própria universidade não é uma ambiência neutra, mas sim um espaço branco que produz invisibilidades, marginalidades e silenciamentos. Conforme Kilomba (2019), a universidade não é um espaço simplesmente de conhecimento e erudição; mas uma territorialidade de violências raciais, epistêmicas e simbólicas. Isso porque a ausência de temáticas que abordem as corporalidades pretas ou indígenas em uma perspectiva contemporânea, que incorporem a produção de dramaturgias afrodiáspóricas ou das populações originárias ou que contemplem a análise da produção coreográfica de artistas indígenas, pretos e pretas representa uma violência na experiência artística de estudantes, de docentes e de pesquisadores ou pesquisadoras não-brancas.

Certamente, essa realidade não significa que pessoas pretas e indígenas não venham refletindo e desenvolvendo críticas aos padrões coloniais de poder e conhecimento estabelecidos em nosso país. Pelo contrário, os usos do próprio corpo como tecnologias de fuga, as desobediências, os motins, as revoltas, as conjurações, os quilombos organizados por pessoas de ascendência africana escravizadas no Brasil, os movimentos sociais e as críticas marginais apontam para formulações de pensamentos, tomadas de decisão e práticas que se estruturaram como críticas à sociedade colonial.

Além disso, sublinho a existência de esforços e atitudes críticas ao racismo, ao colonialismo e ao eurocentrismo que contrastam com a ideia da formação em dança nas universidades como projeto integralmente vinculado à reprodução das hegemonias epistemológicas. Esses esforços buscam restaurar perspectivas pluriversais na produção do conhecimento em dança e remontam a uma história de orientação crítica aos impositivos coloniais e às perspectivas racistas desenvolvidas nas universidades. Destaco como exemplo precursor das ações antirracistas no

contexto da formação em dança nas universidades brasileiras, a criação do Grupo de Dança Odundê, fundado por estudantes pretos e pretas da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia nos anos 1980 (Oliveira, 2022).

Outrossim, conforme Oliveira et al. (2020), no contexto dos Estudos em Dança, pode-se verificar que cosmopercepções alternativas à hegemonia do conhecimento ocidental moderno têm sido discutidas através de processos criativos, perspectivas teóricas e atividades pedagógicas que demarcam a importância de se produzir conhecimento a partir de outras abordagens³.

Por isso, reconheço que o compromisso de inserir nesse artigo um olhar para os projetos de pesquisa de caráter antirracista, desenvolvidos no contexto das graduações em dança das universidades federais, especificamente da região nordeste, integra um conjunto de esforços de resistência e de combate ao racismo nos modos de pensar e produzir pesquisa acadêmica no campo dos Estudos em Dança. Desta maneira, busco contribuir para a continuidade das lutas históricas de enfrentamento ao racismo, ao mesmo tempo em que tento colaborar na circulação de referências artístico-investigativas alternativas, por meio de desalinhamentos educativos e agendas antigenocidas na área de Artes.

Projetos de pesquisa como agendas antigenocidas

A identificação dos projetos de pesquisa que desenvolvem ações de combate ao racismo e de valorização das corporalidades racialmente minorizadas nos cursos de graduação em dança das universidades federais da região do nordeste brasileiro busca garantir visibilidade e notoriedade às ações de resistência antirracista implicadas na geração do pensamento inovador nos Estudos em Dança e, simultaneamente, estimular reflexões sobre os efeitos da colonização moderna e do racismo nas escolhas temáticas relacionadas com a pesquisa na área de Artes.

³ Destaca-se, aqui, a pesquisa da Professora Dra. Ana Valeria Ramos Vicente (UFPB), da Professora Dra. Carolina Dias Laranjeira (UFPB), da Professora Dra. Clécia Maria Aquino de Queiroz (UFS), do Professor Dr. Fernando Marques Camargo Ferraz (UFBA), da Professora Dra. Inaicyr Falcão dos Santos (UNICAMP), do Professor Dr. Jarbas Siqueira Ramos (UFU), da Professora Dra. Katya de Souza Gualter (UFRJ), da Professora Dra. Marlini Dorneles de Lima (UFG), da Professora Dra. Nadir Nóbrega Oliveira (UFAL), da Professora Dra. Renata de Lima Silva (UFG), do Professor Dr. Renato Mendonça Barreto da Silva/Sobadilê (UFRJ), da Professora Dra. Tatiana Maria Damasceno (UFRJ), do Professor Dr. Tássio Ferreira Santana (UFSB), do Professor Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira (UFPB), dentre tantos outros e tantas outras.

Os modos de pesquisa que, em suas diversas abordagens, partem de perspectivas corporais alternativas aos paradigmas europeus ou norte-americanos, instauram arenas de luta e resistência ao racismo como ação institucionalizada nas práticas investigativas. Acredito que estas ações se relacionam a um projeto de conscientização e emancipação da corporalidade como um campo de política racial capaz de produzir solidariedade, cumplicidade e sentido de comunidade. Considero estas ações como desalinhamentos educativos que expressam movimentos de libertação, por meio de uma educação não-normativa ou desalinhada, e produzem espaços de reflexões críticas ao colonialismo e às relações étnico-raciais na pesquisa em Dança.

Dentre as perspectivas teóricas que coordenam críticas ao colonialismo moderno e produzem campos de reflexões não-hegemônicas e, portanto, alternativas na produção do conhecimento, me utilizo do quilombismo (Nascimento A., 2019), da afrocentricidade (Asante, 2009), da desalienação (Fanon, 2008), da decolonialidade (Maldonado-Torres, 2020; Bernardino-Costa et al., 2020; Mota Neto, 2016) e da des-educação (Woodson, 2018). Estes paradigmas apontam para um movimento crítico à institucionalização do racismo na produção do conhecimento inovador e, de certa forma, indicam que as práticas pedagógicas estabelecidas como normas têm orientado a reprodução de políticas educacionais genocidas.

A meu ver, a noção de genocídio das populações pretas e indígenas, por meio da educação, expressa uma força política desenvolvida e construída a partir das explorações coloniais cujo propósito serve à manutenção das estruturas sociais racistas. O genocídio é a manifestação da morte como experiência terrivelmente constante na vida das pessoas, ou seja, um estado de esvaziamento, aniquilamento e desencanto das subjetividades. Por isso, Nascimento (2016) apresenta a ideia de genocídio como fenômeno não somente associado à morte do corpo físico, mas relacionado ao apagamento cultural das populações, afinal existem modalidades de perseguição e de morte que são de ordem espiritual e cultural.

Me dedico a compreender o genocídio cultural na formação em dança a partir de três dimensões principais: i) a dimensão ontológica, que se relaciona aos efeitos do racismo no ser, porquanto em uma sociedade estruturada pelo racismo, pode-se perceber que sujeitos pretos, pretas ou indígenas constroem esquemas corporais relacionados ao auto-ódio e a um desejo de embranquecimento (Fanon, 2008; Kilomba, 2019; Souza, 1983); ii) a dimensão epistemológica, que se encontra associada às regulações raciais efetivadas no campo do saber por meio de mecanismos que expressam o epistemicídio, a invisibilidade dos conhecimentos de povos

tradicionais, a destruição das línguas e o apagamento de expressões culturais, artísticas, familiares ou religiosas de ascendência africana ou indígena (Arroyo, 2012; Bernardino-Costa et al., 2020; Nascimento, 2016; Nascimento G., 2019; Nogueira, 2020; Santos, 2015; Santos, 2006); e iii) a dimensão ética, que se vincula aos efeitos do racismo no poder, ou seja, na negação de direitos às etnias minorizadas, na contínua produção de estereótipos raciais, na desarticulação de ativismos políticos e, por conseguinte, na implementação do racismo como estrutura de controle e dominação (Mbembe, 2020; Quijano, 2010; Terra, 2010).

Vale ressaltar que após o complexo processo político, jurídico e midiático que levou ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, as manifestações de racismo se acentuaram em nosso país (Nogueira, 2017; Alessi & Hofmeister, 2020). Por isso, os projetos de pesquisa, criados nesse período, que combatem o racismo em suas ações investigativas deflagram a estruturação de uma agenda antigenocida ou criam desalinhamentos educativos a favor das corporalidades pretas e indígenas. Acredito que o combate ao racismo, nos ambientes de ensino e pesquisa em dança, estabelece práticas de valorização da vida por meio de políticas educacionais que visam o fortalecimento das comunidades e corporalidades racial e socialmente vulnerabilizadas, através de ações pedagógicas e investigativas direcionadas à libertação e à emancipação crítica.

Da Bahia ao Ceará: um olhar para os projetos de pesquisa

A crítica à educação como um sistema estruturado e marcado por lógicas de pensamentos normativos, brancos e coloniais, que busca fortalecer projetos de dominação étnico-racial e manter dinâmicas de exploração social é importante por revelar o panorama da educação e da pesquisa em nosso país como um ambiente de assimetrias e desigualdades, historicamente, estruturadas (Asante, 2009; Gomes, 2020; Hooks, 2019; Kilomba, 2019; Woodson, 2018). Entretanto, reconheço que é igualmente necessário compartilhar os esforços e as estratégias que as comunidades acadêmicas vêm desenvolvendo para garantir ampla visibilidade aos temas de pesquisas de ascendência africana e/ou indígena no panorama da dança. Por isso, dedico-me ao esforço de identificação dos projetos de pesquisa que integram lutas antirracistas ou que buscam valorizar culturas coreográficas e corporalidades de ascendência africana ou indígena.

Na Universidade Federal da Bahia, verifico um total de nove projetos de pesquisa cadastrados nos currículos dos docentes que fomentam investigações de caráter racial ou de valorização das corporalidades de ascendência africana ou indígena. Os projetos são *História da*

Dança na Bahia: (re)velações do não dito sob um olhar insurgente; Araibo: experiências em danças afro, indígenas e populares, produção de projetos artístico-culturais; Danças afro-brasileiras, populares e indígenas: balanço das pesquisas na pós-graduação em Dança e Artes Cênicas na Bahia (1996-2016) e Dança, relações étnico-raciais e educação, todos quatro coordenados pela Profa. Dra. Amélia Vitória de Souza Conrado. Além destes, observo os projetos de pesquisa intitulados *Do miudinho à pizzica as mulheres dançam: interculturalidades, gestos e poética em rituais de cura, devoção e festa* e *Poética do corpo brasileiro na dança: levantamento e análise de obras de criadores(as) negros (as) brasileiros(as)* coordenados pela Profa. Dra. Daniela Maria Amoroso; os projetos *Afetos diaspóricos: entre poéticas, pedagogias e políticas* e *Poéticas políticas negras: fazeres de dança na diáspora*, coordenados pelo Prof. Dr. Fernando Marques Camargo Ferraz e, por fim, o projeto intitulado *Análise estrutural e neuromuscular das danças de iemanjá do candomblé da Nação Ketu*, da Profa. Ma. Isabel Carvalho de Souza.

Na Universidade Federal da Paraíba identifiquei quatro projetos de pesquisa em atividade que se relacionam às perspectivas de enfrentamento ao racismo na formação em dança ou operam, especificamente, com a valorização das culturas coreográficas de ascendência africana e/ou indígena. Estes projetos são: *Saberes de mestres no corpo: experimentações criativas em dança a partir de culturas tradicionais*, coordenado pela Profa. Dra. Carolina Dias Laranjeira; *Brega, festa popular e criação artística: comunidade e universidade (re)elaborando a produção cultural* e *(Re)conhecendo sertões: samba de coco e xaxado*, ambos coordenados pelo Prof. Dr. Elthon Gomes Fernandes da Silva. Além destes, pode-se verificar na mesma instituição o projeto de pesquisa intitulado *Vamos acabar com o samba, madame não gosta que ninguém sambe: apontamentos críticos sobre a formação universitária em dança*, coordenado pelo Prof. Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira. Vale indicar que na UFPB o curso superior de formação em dança não possui um site específico que apresente o corpo docente. Por isso, a consulta se deu no site do Departamento de Artes Cênicas [UFPB].

Por sua vez, na Universidade Federal de Pernambuco, constato que apenas um dos projetos encontra-se focado na valorização das estéticas pretas e indígenas por meio do debate sobre as danças populares tradicionais. O projeto em questão, coordenado pela Profa. Dra. Maria Acselrad, se intitula *Danças de guerra, luta e combate - resistência e enfrentamento através da dança*. Também verifico na Universidade Federal do Rio Grande do Norte a existência de um único projeto de pesquisa em atividade: *Políticas do corpo e da arte no contexto das culturas silenciadas*,

coordenado pela Profa. Dra. Teodora de Araújo Alves. Ressalto que, assim como na UFPB, o curso superior de formação em dança da UFRN não possui um site específico. Por isso, a base de dados foi o site do Departamento de Artes [UFRN].

Indico que não foi possível localizar projetos de pesquisa que se posicionassem relacionados a um debate sobre as questões raciais ou que valorizassem perspectivas coreográficas afro-indígenas em três universidades: a Universidade Federal de Alagoas, a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Federal de Sergipe. Essa constatação, entretanto, não se deve à inexistência de articulações antirracistas ou práticas de pesquisa relacionadas a esses temas nas universidades listadas. Pelo contrário, durante a fase de levantamento de dados, pude verificar que nessas universidades têm-se executado práticas de pesquisa que apenas não atendem ao recorte dessa investigação. Além disso, na fase da revisão do texto [maio de 2022] pude observar que determinadas professoras e determinados professores em atividade nos cursos superiores de dança do Nordeste atualizaram seus currículos na Plataforma *Lattes*. Essas atualizações deflagram algo que havia sido previsto: o alcance limitado e provisório dessa investigação.

Por isso, como já dito anteriormente, reconheço que devido ao fato de o levantamento dos projetos de pesquisa ter sido feito em uma plataforma que se atualiza constantemente, essa pesquisa não pode se pretender definitiva, mas expressar um mapeamento inicial das práticas investigativas vinculadas às ações antirracistas. Outrossim, compreendo que conforme o recorte dado à investigação, inúmeras ações cadastradas como projeto de ensino ou extensão não se encontram listadas nesse artigo.

Por isso, meu interesse é criar, posteriormente, uma plataforma virtual, interativa e colaborativa, que se remodele a partir da participação das comunidades acadêmicas no compartilhamento dos projetos institucionais que promovem e estabelecem a educação das relações étnico-raciais a partir de perspectivas teórico-práticas desenvolvidas no panorama da formação em dança. Reconheço que essas investigações consolidam núcleos formativos que fortalecem processos de conscientização, emancipação e libertação das subjetividades racialmente minorizadas o que colabora na elaboração de um plano político-educacional antirracista, situado para além do currículo, no contexto da formação universitária em dança.

Acredito, por isso, que se faz urgente pesquisar danças que confrontem o eurocentrismo e desenvolver processos educacionais voltados para as relações étnico-raciais no panorama da formação em Dança criando, dessa maneira, campos de visibilidades e aparições para histórias

perseguidas, silenciadas, marginalizadas e abandonadas. Certamente, depreendo que muito ainda pode ser feito. Entretanto, nesse momento, optei tão somente por encetar o levantamento inicial desses projetos que têm colaborado na construção de territórios de afetividade e colaboração por meio dos quais estudantes, pesquisadores, pesquisadoras e docentes pretos, pretas e indígenas podem se reunir e aprender a construir um coletivo de solidariedade e respeito através da prática da pesquisa.

Considerações finais

Mediante o exposto declaro que este artigo buscou apresentar os projetos de pesquisa, desenvolvidos no âmbito das graduações em dança, das universidades federais do nordeste brasileiro. Meu interesse situou-se em discutir a relação estabelecida entre luta antirracista e produção de conhecimento inovador na área de Artes. Com isso, busquei evidenciar os perigos dos discursos hegemônicos e dominantes para o panorama da pesquisa em dança e, simultaneamente, compartilhar alguns dos esforços desenvolvidos pelas comunidades acadêmicas para garantir visibilidade às pesquisas baseadas em poéticas de ascendência africana e/ou indígena no campo dos Estudos em Dança.

A identificação dos projetos de pesquisa vinculados às perspectivas de enfrentamento ao racismo ou na valorização das culturas coreográficas e corporalidades de ascendência africana e/ou indígena revelou-se como um fenômeno significativo para a notabilidade de um conjunto de ações que respondem às situações históricas da exploração colonial e transformam as práticas de pesquisa em modalidades de protesto social, posicionamento político e fortalecimento das subjetividades, sobretudo, pretas e indígenas. Neste contexto, posso declarar que os projetos de pesquisa que estimulam debates raciais e estratégias criativas de enfrentamento ao racismo, no contexto das graduações em dança das universidades federais do nordeste brasileiro, têm colaborado de forma sistematizada e institucionalizada para consolidação de modos alternativos de produzir conhecimento no campo dos Estudos em Dança.

Verifiquei a existência de nove projetos na UFBA, quatro projetos na UFPB, um projeto na UFPE e um projeto na UFRN relacionados à valorização das expressões artístico-culturais afro-indígenas ou a princípios e posicionamentos antirracistas. Nos demais cursos de graduação em dança que compõem a região Nordeste não foi possível verificar projetos com o mesmo perfil. Entretanto, declaro que essa constatação não se deve à inexistência de práticas de pesquisa

relacionadas a esses temas nas universidades listadas, mas sim ao alcance limitado e provisório dessa investigação.

O reduzido quantitativo de projetos de pesquisa com explícito foco na investigação das questões raciais nos cursos superiores de dança das universidades federais do nordeste do Brasil aponta para uma realidade histórica: a marginalidade dos saberes corporais e artísticos das populações pretas e indígenas em nosso país. Por outro lado, a existência de projetos de pesquisa vinculados aos debates étnico-raciais representa uma arena de luta antirracista por meio da produção de conhecimento artístico inovador em diálogo com sistemas alternativos à hegemonia eurocêntrica ou norte-cêntrica no campo dos Estudos em Dança.

Estas ações constroem espaços de pesquisa cujo caráter transgressor garante processos de conscientização, emancipação e libertação das subjetividades; em suma, processos educacionais plenos. Assim, esses projetos de pesquisa têm contribuído para a consolidação de posturas críticas às desapareções das danças de ascendência africana, indígena e, por conseguinte, à continuidade do projeto racista e genocida da educação brasileira em um momento que revela uma crise política dentro de uma crise histórica.

Estes desalinhamentos educativos que tais projetos representam bagunçam a sentença da submissão à norma branca, entendida como única referencialidade na construção do saber, e desmistificam a classificação das práticas artísticas afrodiaspóricas ou indígenas a partir de critérios relacionados à desumanização, sexualização, folclorização, exotização, simplificação, primitivização. Por isso a importância de se pesquisar danças executadas em contextos não-brancos ou de se desenvolver apontamentos críticos ao racismo nos ambientes de investigação em dança não se baseia numa visão essencialista, mas em um modo de garantir a vida, a permanência nas universidades e a dignidade de estudantes que não têm seus saberes valorizados e se sentem, constantemente, violentados ou violentadas por não se perceberem integrados ou integradas aos modos de produção de conhecimentos estruturados nas universidades.

Considero que a simples existência destes projetos de pesquisa desenha territórios de vida e experiência a partir dos quais estudantes, pesquisadores, pesquisadoras e docentes pretos, pretas e indígenas podem se reunir, se fortalecer e organizar narrativas e estudos a partir da consciência da importância da luta para a libertação, a emancipação e a educação plena. Isto cria espaços de esperança que merecem ser fomentados em todos os cursos superiores de dança em nosso país por estruturarem geografias afetivas onde o aprendizado se dá nas possibilidades de desaprender aquilo

que já se encontra instituído. Por fim, verifico que estes projetos de pesquisa expressam processos de desaprendizagens que remontam àquilo que os versos de Candeia, em Dia de Graça, nos ensinam: é necessário deixar de ser rei só na folia, fazer das nossas Marias rainhas todos os dias e cantar o samba nas universidades para nunca mais voltar ao barracão.

Referências

ALESSI, Gil; HOFMEISTER, Naira. Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG. *El País*, São Paulo e Porto Alegre, 9 jun. 2020. Brasil, Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html#?prm=copy_link. Acesso em: 18 mai. 2022.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, Território em Disputa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In.: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem inovadora**. São Paulo. Selo Negro, 2009.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Introdução. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze et al. (Orgs.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

CESAR, Layla Jorge Teixeira; SOARES NETO, Joaquim José. O MESPT e a contra colonização da Universidade. *Interethnic@*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 116-141, jul. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/interethnica.v22i1.15263>>. Acesso em: 18 maio.

2022.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA et al. (Orgs.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

GROSFOGUEL, Ramón. La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. In: **Tabula Rasa**, n. 4, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600402>. Acesso em: 03 set. 2021.

HARTMANN, Luciana; CARVALHO, José Jorge de; SILVA, Renata de Lima; ABREU, Joana. Tradição e tradução de saberes performáticos nas universidades brasileiras. **Repertório**, Salvador, ano 22, n. 33, p. 8-30, 2019. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/32015>. Acesso em: 11 jan. 2022.

hooks, bell. **Olhares Negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze et al. (Orgs.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Curitiba: CRV, 2016.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um Racismo Mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

NOGUEIRA, Fábio. Governo Temer como restauração colonialista. **Le Monde Diplomatique Brasil**, n. 114, 9 jan. 2017. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/governo-temer-como-restauracao-colonialista/>. Acesso em: 18 mai. 2022.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. Dança e racismo: apontamentos críticos sobre o ensino de história da dança. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, e113529, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-2660113529>. Acesso em 11 jan. 2022.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. “Não vai no de serviço, se o social tem dono, não vai”: considerações sobre Ensino de Arte e Combate ao Racismo. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 110–127, 2021. DOI: 10.35699/2237-5864.2021.20670. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/20670>. Acesso em: 11 jan. 2022.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de; SEVERO, Jéssica Jesse Félix; PINTO, Thiago Ferreira Reimberg; SANTOS, Wagner Leite dos; SANTOS, Zoelly Cynthia dos. “A coisa tá preta, a coisa tá boa”: aquilombamento no contexto da formação universitária. **Revista UFG**, [S. l.], v.

21, n. 27, 2021. DOI: 10.5216/revufg.v21.69092. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/69092>. Acesso em: 26 fev. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RUFINO, Luiz. Exu: tudo o que a boca come e tudo o que o corpo dá. In: TAVARES, Julio Cesar de. (Org.). **Gramáticas das Corporeidades Afrodiaspóricas: perspectivas etnográficas**. Curitiba: Appris, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília: INCTI/UNB, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TERRA, Livia Maria. **Negro Suspeito, Negro Bandido: um estudo sobre o discurso policial**. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, SP: [s/n], 2010.

WOODSON, Carter Godwin. **A Des-educação do Negro**. São Paulo: Medu Neter, 2018.